

A carta/letra entre Derrida e Lacan¹

The letter between Derrida and Lacan

Kaio Adriano Batista Fidelis

Mestre em Psicologia (Estudos Psicanalíticos) pela UFMG

Professor Designado da UEMG – Unidade Abaeté

RESUMO: Seguindo a aposta de que “não é como Lacan e Derrida se encontram, mas como se perdem que abre espaço para interpretação” (JOHNSON, 1988, p. 221) e que esse desencontro fornece uma abertura possível da atividade do pensamento e da crítica, analisamos o debate entre esses dois autores sobre a questão do destino da carta no conto *A carta roubada* de Edgar Allan Poe. Acreditamos que a leitura do amor em fracasso feita por Derrida do texto lacanian e de sua relação com Lacan é ao mesmo tempo condição de possibilidade e impossibilidade do *entre* Derrida e Lacan.

PALAVRAS-CHAVE: CARTA/LETRA; DESTINO; JACQUES DERRIDA; JACQUES LACAN.

ABSTRACT: Following the stake that “it is not how Lacan and Derrida meet each other but how they miss each other that opens up a space for interpretation” (JOHNSON, 1988, p. 221) and that this mismatch provides a possible opening of thought and critics, we analyze the debate between these two authors on the destination of the letter in Edgar Allan Poe’s *The Purloined Letter*. We believe that the Derrida’s reading of love in failure of the Lacanian text and its relation to Lacan is at the same time a condition of possibility and impossibility of the *between* Derrida and Lacan.

KEY-WORDS: LETTER; DESTINATION; JACQUES DERRIDA; JACQUES LACAN.

INTRODUÇÃO

O *entre* inscrito nesse título não se dá sem algum desencontro. *Entre* Derrida e Lacan pressupõe diferentes

¹ Esse artigo é fruto da dissertação de mesmo título defendida pelo autor em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Área de concentração: Estudos Psicanalíticos) da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho foi orientado por Angela Maria Resende Vorcaro e coorientado por Alice Mara Serra. A pesquisa foi financiada pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

modalidades do espaço que separa um do outro. Essas modalidades são tratadas pelo próprio Derrida (1996) em *Pour l'amour de Lacan*, texto que se inscreve duplamente como um trabalho em torno de Lacan e como uma homenagem a esse.

Dessas modalidades é Derrida mesmo quem testemunha em *Pour l'amour de Lacan*, conferência primeiramente proferida em 1990 no colóquio *Lacan avec les philosophes*, posteriormente publicada na coletânea do congresso e no livro de Derrida *Résistances de la psychanalyse*. Tal trabalho se inscreve duplamente como um trabalho em torno de Lacan e como uma homenagem a esse. Ao prenunciar “nós (nos) somos muito amados, Lacan e eu [...]” (DERRIDA, 1996, p. 60)², é Derrida quem diz em nome dos dois, Lacan e ele, é um eu (Derrida) que pressupõe um nós, sozinho, na arrogância cabida a quem resta à morte do outro e sustenta um nós. Como Derrida (1996) afirma “é sempre eu (*moi*) que diz ‘nós’, é sempre um eu (*je*) que enuncia ‘nós’, supondo em suma lá, na estrutura dissimétrica da enunciação, o outro ausente ou morto ou em todo caso incompetente ou chegando muito tarde para objetar” (p. 61).

Esse nós, para Derrida, apresenta-se como uma modalidade do com, do ser-com ou do fazer-com. Talvez ainda a título de testar o tom de sua voz, como enuncia no início de sua conferência, mas também já circunscrevendo os desencontros entre ele e Lacan, Derrida (1996) evoca como exemplos, “‘nós, os psicanalistas’, ‘nós, os filósofos’[...]‘nós os psicanalistas, com os filósofos’” (p. 61) introduzindo a separação infinita entre dois, no lugar da solidão, de onde um diz nós.

Em se tratando de um nós reflexivo, recíproco ou especular, a dissimetria incide ainda com mais violência, como acusa Derrida. No “nós nos amamos” é a arrogância prerrogativa do amor que ampara a fala absolutamente só de um que diz em nome do outro, já que para Derrida (1996) “nós é sempre um dito de um só. É sempre um só que tem a coragem de dizer nós” (p. 61).

Essa dissimetria é tema da seguinte reflexão de Derrida sobre a condição de um amor na separação:

² Todas as referências diretas a esse texto são traduções livres de nossa autoria.

(...) mas como é que se pode amar senão “separadamente”? Cada um o outro, mas de cada vez cada um para si, cada um no segredo, cada um em segredo, no mais forte do amor. O outro, no fundo, nada pode saber, nada pode alguma vez aperceber, nem mesmo algo a que se chame ver. Não se pode amar separadamente e não se pode amar senão separadamente, na separação ou no desemparelhamento do par. A uma distância infinita, porque incomensurável: eu não estarei nunca à mesma distância – de ti, que tu, que tu de mim. Não há medida comum, não há simetria. Separação infinita no próprio casal e na paridade do par (DERRIDA, 1994, apud BERNARDO, 2014, p. 258).

Tomando essa perspectiva, Derrida (1996) resgata os encontros com Lacan em vida. O primeiro encontro ocorreu nos Estados Unidos, mais precisamente em Baltimore, por ocasião do colóquio *The Languages of the Criticism and the Sciences of Man*, onde René Girard, um dos organizadores do evento, os apresentou. Segundo Derrida (1996) as primeiras palavras que Lacan lhe dirigiu foram: “Era preciso então esperar chegar aqui, no estrangeiro, para nos encontramos” (p. 69). Derrida descreve a razão de referir-se ao encontro pelo tema da destinerância da carta/letra que os coloca em oposição em relação ao conto *A carta roubada* de Edgar Allan Poe, que viveu em Baltimore.

Outro debate entre os dois nesse mesmo evento girou em torno da encadernação dos *Escritos* de Lacan. Segundo Derrida (1996), Lacan preocupava-se com a sustentação da encadernação da publicação das mais de novecentas páginas reunidas em um único volume, confidenciando a Derrida: “Você verá, me disse ele, fazendo um gesto com as mãos, isso não vai se sustentar” (p. 70).

Ainda sobre os mesmos *Escritos*, Derrida (1996) se refere fazendo menção ao envio que Lacan lhe faz de seu livro com uma dedicatória no mínimo sugestiva: “a Jacques Derrida, essa homenagem a tomar como lhe aprouver” (p. 70). Segundo Peeters (2013), Derrida teria respondido essa dedicatória com uma carta breve, a única enviada a Lacan:

Recebi os seus *Escritos* e lhe agradeço imensamente. A dedicatória que os acompanhava não podia, como o senhor sabia, me surpreender. Texto inexpugnável, pensei no início. Refletindo, dando minha contribuição, como me convida sua abertura, mudei de ideia: que a dedicatória é verdadeira e eu deveria recebê-la como tal. ‘Verdadeira’ é uma palavra que sei que terá a sua contribuição. Quanto ao livro, esteja certo de que espero com impaciência que me seja dado tempo de lê-lo. Farei isso com toda a atenção de que sou capaz (Carta de Derrida a Jacques Lacan, 2 de dezembro de 1966, apud PEETERS, 2013, p. 214).

Em seguida, Derrida (1996) recupera o relato de Elisabeth Roudinesco em *História da psicanálise na França (vol. II)*, referindo-se a outro encontro com Lacan, um ano depois de Baltimore, dessa vez um jantar na casa de Jean Piel, cunhado de Sylvia, esposa de Lacan. Ao ser questionado por Lacan sobre os temas aos quais se dedicava, Derrida teria respondido: “Platão, Sócrates, o *phármakon*, a letra, a origem, o *logos*, o mito” (ROUDINESCO, 1988, p. 437). Ao perceber a estranheza de Lacan, que havia abordado os mesmos assuntos, Derrida escapando da polêmica, testemunha a Lacan um episódio com seu filho Pierre. Para a surpresa de Derrida, a confiança feita a Lacan foi publicada na conferência *O engano do sujeito suposto saber* posteriormente publicada em *Outros Escritos*. No texto Lacan (2003a) enuncia:

“Eu sou um trapaceiro de vida” diz um garoto de quatro anos, enroscando-se no colo de sua genitora, diante do pai que acaba de responder “Você é bonito” à sua pergunta: “Por que você está me olhando?” E o pai não reconhece nisso (apesar de o menino, no intervalo, o haver tapeado com a ideia de ter perdido o gosto por si mesmo desde o dia em que falou) o impasse que ele mesmo tenta pôr no Outro, ao se fazer de morto. Cabe ao pai que me contou isso ouvir-me aqui, ou não (p. 334).

Comentando a divulgação desse testemunho privado, Derrida (1996) afirma não estar certo sobre a “interpretação arriscada” (p. 69) feita por Lacan e, apesar disso, se interroga se ao fazer dele (Derrida) o pai, Lacan não visava o filho, fazendo dele (Derrida) “o filho que tenta o impasse sobre o Outro se fazendo de morto, como ele disse, ou se fazendo ele mesmo o filho” (DERRIDA, 1996, p. 69-70).

Ainda a respeito das relações entre os dois, Derrida (1996) indica também duas outras passagens onde Lacan o cita, uma indiretamente e outra nominalmente. A primeira no *Prefácio à edição dos Escritos em livro de bolso*, Lacan (2003b) escreve “o que chamo propriamente de instância da letra, anterior a qualquer gramatologia” (p. 387), ao que Derrida responde, afirmando que esse livro nomeado *De la grammatologie*³ “nunca propôs uma gramatologia, uma ciência positiva ou disciplina que carregue esse nome, mas fez um grande esforço para demonstrar em vez disso a impossibilidade [...] de qualquer ciência ou qualquer filosofia carregando o nome de gramatologia” (DERRIDA, 1996, p. 71).

A segunda passagem remete ao seminário de Lacan *L'insu que sait de l'une-bévue s'aille à mourre* onde, segundo Derrida (1996), Lacan teria cometido uma “imprudência compulsiva” (p. 87) ao afirmar que supunha que Derrida estivesse em análise. Derrida (1996) questiona o sentido dessa afirmação, respondendo que apesar de não ter se submetido à análise em seu formato institucional, isso não o impediu de ser “analisante ou analista em minhas horas e à minha maneira. Como todo mundo” (p. 87). Apontando que uma das proposições mais interessantes de Lacan é a de se apresentar na posição de analisante e não de analista diante de seu público, Derrida (1996) interroga como Lacan havia feito rir seu auditório ao insinuar Derrida como analisante, recuando ele próprio (Lacan) do lugar de analisante do qual afirma partir, afinal, como aponta Derrida “ele deveria ser o primeiro a suspeitar dos limites ou das bordas dessas posições” (DERRIDA, 1996, p. 87).

³ A tradução para o português peca ao substantivar *De la grammatologie*, vertido para Gramatologia. Retirado o partitivo incorre-se na tendência criticada por Derrida em afirmar a gramatologia como uma ciência ou filosofia.

Ao tratar desses episódios, Derrida (1996) afirma que não o faz para o divertimento ou entretenimento de sua plateia, mas em razão do assunto de sua conferência ser o encontro, a contingência e o que o reúne a Lacan registrando assim uma assinatura do acontecimento. A relevância desses comentários, partindo de seus desencontros com Lacan, se justifica também, segundo Derrida, pela importância do pensamento de Lacan no espaço intelectual das últimas décadas:

nada do que pode transformar o espaço do pensamento em curso dos últimos decênios não teria sido possível sem alguma explicação com Lacan, sem a provocação lacaniana, da maneira como a recebemos e a discutimos, e eu acrescentarei sem alguma explicação com Lacan na sua explicação com os filósofos (DERRIDA, 1996, p. 64).

Da parte de Lacan, Miller (2007) retoma as relações entre psicanálise e desconstrução. Em razão da referência feita por Lacan a Derrida em *O seminário, livro 23: o sintoma*⁴, Miller descreve em uma de suas notas a respeito desse seminário, as relações entre esses dois autores. Reconhecendo a importância das controvérsias, Miller (2007) escreve:

Gostaria de reacender com essas linhas as guerras microcolinas lacano-derridianas, ao passo que a situação presente, caracterizada pelo retorno das ortodoxias, poderia, ao contrário, levar seus alunos a reatar antigas alianças.

⁴ Na página 140 desse seminário, Lacan (2007) aponta que o nó borromeano, por ele articulado e exposto nesse ano de trabalho, muda o sentido da escrita, tornando possível sua autonomia, fato insistido por Derrida. Além dessa referência de Lacan a Derrida e das acima apontadas por Derrida, constam ainda duas referências conceituais, nos seminários 16 (Lacan, 2008a, p. 306) e 18 (Lacan, 2009, p. 72) tratando simultaneamente da gramatologia e da arquescrita e duas outras referências em outros dois textos dos *Outros Escritos* (Lacan, 2003c, p. 346; Lacan, 2003d, p. 19) onde Lacan reclama a negligência de Derrida quanto à falta de referência aos termos de seu ensino na invenção de noções como gramatologia e arquescrita e a atribuição de um discurso universitário confusional a essas invenções. De todo modo, referências indiretas permeiam o ensino lacaniano em diferentes momentos.

Lacan e Derrida, cada um é grande em seu gênero, trata-se somente de saber qual. . . . É claro que ainda há muito a dizer para esclarecer Derrida em contraste com Lacan, e vice-versa. Pode-se, é claro, defender mais adiante a pertinência da perspectiva escolhida em “Le facteur de la vérité”, mas prefiro contar para isso com os numerosos praticantes da desconstrução, tendo esse texto me distanciando de uma obra da qual eu seguia até na elaboração (p. 234).

A extensa fortuna crítica que relaciona os trabalhos de Jacques Derrida e Jacques Lacan parte, portanto, de diversos pontos para apontar as distâncias e as aproximações entre os dois autores. Como assinala Major (2002) a respeito dessa relação, “o trabalho de ambos é marcado por uma proximidade às vezes perturbadora, que muitas vezes cegava, mas também por grandes diferenças que nem sempre se prestam à reapropriação” (p. 181).

Posição parecida assume Johnson (1988), ao aludir à possibilidade de relacionar os seus trabalhos, a partir, por exemplo, da afirmação que “não é como Lacan e Derrida se encontram, mas como se perdem que abre espaço para interpretação” (JOHNSON, 1988, p. 221)⁵.

Então, se nos desviamos do nosso suposto destino para falar de amor é na tentativa de encontrar nosso próprio tom tomando essa separação infinita como orientação de trabalho. Se ainda em vida já desemparelhados, hoje, com dupla violência, após a morte de Lacan e de Derrida, falamos de um *entre* dois mortos que se desencontram radicalmente. A separação em vida é acentuada pela separação da morte. Ainda que se *encontrem* mortos, Derrida e Lacan, tentar falar do que disseram em vida, do que deixaram de dizer e ainda mais, como tarefa interpretativa ou crítica, do que teriam dito ou do que queriam dizer, só pode ser feito partindo da arrogância desmedida do amor que se configura aqui como condição de possibilidade e de impossibilidade.

⁵ As referências a esse texto também são traduções nossas.

Desconstrução da metafísica e abertura da psicanálise

Desde os primeiros textos do gesto da desconstrução derridiana, a crítica à metafísica da presença é acompanhada por uma indicação da psicanálise como alternativa para ultrapassar os limites do enclausuramento da metafísica, ainda que, ao mesmo tempo, se mantenha presa a ela. A metafísica da presença pode ser circunscrita por isso que Derrida reconhece ao longo da história da filosofia como modos de aparição ou apresentação de uma presença – origem, fundamento, estrutura, etc. – valorizada defronte uma ausência; isso aparece em diferentes modalidades como presença do objeto para a consciência, presença da consciência para si, presença temporal do presente, entre outras.

Nesses textos, partindo da crítica à objetividade e à idealidade do objeto literário, Derrida operava a desconstrução da metafísica da presença, possibilitada apenas dentro do próprio horizonte da metafísica, com seus conceitos e textos. De maneira a não rejeitar as noções com as quais trabalha, Derrida (2013) afirma tratar-se, ao contrário, de colocar em evidência “a solidariedade sistemática e histórica entre os conceitos e gestos de pensamento que, frequentemente, se acredita poder separar inocentemente” (p. 16).

Essas noções são necessárias para vacilar a tradição à qual pertencem, de forma que nessa estratégia:

(...) é preciso cercar os conceitos críticos por um discurso prudente e minucioso, marcar as condições, o meio e os limites da eficácia de tais conceitos, designar rigorosamente a sua pertença à máquina que eles permitem desconstruir; e simultaneamente, a brecha por onde se deixa entrever, ainda inomeável, o brilho do além-clausura. (p. 17)

Assim, na desconstrução do signo linguístico de Saussure manejada por Derrida através do deslocamento da escrita no campo da linguagem e da leitura que a partir dos textos freudianos, aposta numa escrita constituída de rastros (*traces*) e traços (*traits*), a psicanálise aparece como influência e saída mais profícua para abertura ao fechamento metafísico.

Como Derrida (2013) afirma “fora da linguística, é na investigação psicanalítica que este arrombamento parece ter hoje as maiores oportunidades de ampliar-se” (p. 26).

Antes de seguir as referências de Derrida à psicanálise, cabe justificar a escolha tradutiva do termo francês *écriture*, a partir de sua dupla possibilidade de tradução por escrita ou escritura. Ao observar o forte apelo religioso que o termo escritura carrega, remetendo às escrituras sagradas, Rodrigues (2016) evoca também o sentido jurídico do termo, associando-o a um valor de verdade, um dos conceitos filosóficos desconstruídos por Derrida. Ademais, Rodrigues (2016) recupera a associação entre escrita em Derrida e na psicanálise, campo que também opta pela tradução por escrita. Como aponta a autora, “essa escrita que é sempre da ordem de uma tentativa não me parece possível na tradução por escritura” (RODRIGUES, 2016, p. 8), fazendo alusão ao caráter fora-representação que o termo escrita em Derrida e na psicanálise corporifica.

Tratando da tradução de *écriture*, Perrone-Moisés (2014), assinala o caráter de impossibilidade de sua apreensão no texto de Roland Barthes como um conceito (assim como em Derrida), apontando que deve ser tomada como uma noção em função de seus traços diferenciais agregados. Estendendo a discussão aos textos de Lacan, Derrida, Soller e outros, Perrone-Moisés (2014) acolhe as referências religiosas e jurídicas como dívidas, enobrecimentos e parentescos a serem explorados. Posto isso, Perrone-Moisés (2014) defende a tradução por escritura e a associa a um porvir escritura, desligado do caráter representacional, instrumental, tendo como referência o latim clássico onde “o termo *scriptura* é uma substantivação do participio futuro ativo de *scribere* (*scripturum, a, um*), significando ‘o que há de escrever, tendo ou havendo de escrever’” (PERRONE-MOISÉS, 2014, p. 72).

Além disso, uma breve referência lacaniana nos dá ainda mais elementos para a discussão. Fazendo referência à diferença entre o escrito e a escrita, Lacan (2009) afirma:

Fala-se da escrita [*écriture*] como se ela fosse independente do escrito [*écrit*]. É isso que às vezes deixa o discurso muito atrapalhado. Aliás, esse termo *ure**, que se acrescenta assim, dá

bem a perceber de que pileque [biture]
engraçado se trata, no caso. (p. 74)

Em nota na edição da Zahar, a tradutora Vera Ribeiro aponta: “*De *écriture*, -ure: sufixo da língua francesa que indica que um composto químico é um sal de hidrácido, como em ácido sulfúrico (*sulfure*)” (LACAN, 2009, p. 74). A passagem lacaniana e o comentário de tradução nos apontam para esse acréscimo do sufixo *ure* não como um acréscimo de sentido, mas de um composto, talvez engraçado, atrapalhado, que diferencia essa escritura de uma escrita comum. Como veremos em Derrida e principalmente em Lacan, assim como Perrone-Móises (2014) apresenta a respeito de Barthes, essa *écriture* está associada a um ganho, um acréscimo de gozo. Assim como o gozo em Lacan, a *écriture* se furta à representação, nos colocando, portanto, tal desafio tradutivo.

Apresentados alguns argumentos para ambas as opções, sustentamos a tradução para escrita. Uma vez indiferenciadas do ponto vista terminológico uma escrita representativa e uma escrita de gozo – indiferenciação impossível ao acrescentarmos escritura, incomum no português corrente – fazemos valer o caráter de indecidibilidade pretendido por Derrida, como Perrone-Móises (2014) confidencia: “Em discussão pessoal sobre o assunto, Derrida me disse que, em seus textos, a ambiguidade da palavra *écriture* deveria ser mantida, pois ele a usa ora num sentido, ora noutro. [Nota acrescentada em 2009]” (PERRONE-MOISÉS, 2014, p. 71, nota 3).

Retomando as referências de Derrida à psicanálise, em *A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*, a psicanálise é posicionada entre outros discursos responsáveis pelo descentramento das estruturas, apontando mais especificamente para “a crítica freudiana da presença a si, isto é, da consciência, do sujeito, da identidade a si, da proximidade ou da propriedade a si” (DERRIDA, 2014a, p. 410). Em *Freud e a Cena da Escrita*, o que está em jogo para Derrida (2014b) é a proposição de uma escrita que escapa dos domínios do campo da linguagem, tomando para tanto, as diferentes formulações do aparelho psíquico propostas por Freud ao longo de sua obra, de modo que esse pensamento do

traço ali inaugurado coloque em questão a significação e a tradução dos significantes e dos conteúdos psíquicos.

O autor não quer propor, portanto, nem uma escrita que funcione aos moldes do inconsciente nem uma ciência que afirme seu nome através de uma gramatologia, mas apontar a fecundidade com que esse pensamento pode alcançar a literalidade em diferentes campos da escrita inscritos em nossa cultura, como na literatura, por exemplo. Esse movimento implica um modo de trabalho que abandone uma prescrição hermenêutica suscetível à atribuição de sentidos pré-fixados ou de uma aplicação psicopatológica dos conceitos psicanalíticos nos personagens literários, em autores ou escritores ou ainda em movimentos culturais dos mais diversos.

A proposta derridiana parece apontar muito mais para a preservação da originalidade do conteúdo literário, de modo que na formalização dos conteúdos e conceitualidades psicanalíticos em uma pretensa crítica ou análise literária, por exemplo, possa-se resguardar, sem mais, a poesia do texto respectivo.

Em *O carteiro da verdade*, Derrida (2007) tomando a leitura de Lacan (1998) do conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe, encontrada em *O seminário sobre “A Carta Roubada”*, analisa as conclusões lacanianas, apontando ali uma teoria da verdade onde o significante falo toma lugar de significante transcendental, de modo que a análise literária do conto estava totalmente impregnada dessa concepção, ao situar que a carta sempre chega ao seu destino, proposição que Derrida apontará outros caminhos ou destinos. De Freud a Lacan, a preocupação derridiana reside ainda na idealidade do objeto literário e também, no limite da linguística estruturalista encerrada na metafísica da presença para tratar de uma teoria da escrita que comporte a originalidade e abertura de seu próprio texto.

Metafísica e transcendentalismo na psicanálise laciana

Ainda que a crítica de Derrida incida sobre textos específicos dos *Escritos* e não se estenda sobre outros, além de cobrir um período específico do ensino de Lacan que se

desenvolve e se desdobra, e, portanto, escapa ao escopo do que é exposto em *O carteiro da verdade*, a análise de Derrida ali inscrita aponta para a solidariedade metafísica no texto de Lacan, principalmente no seu encontro com o estruturalismo em Saussure.

Segundo Derrida (2014a) o caráter metafísico do estruturalismo encontra-se na pressuposição de um centro que, apesar de organizar a estrutura ou diferentes elementos de um sistema, está também fora dessa estrutura que coordena. Para o autor, a ideia de uma estrutura centrada parte de “uma imobilidade fundadora e de uma certeza tranquilizadora” (DERRIDA, 2014a, p. 408), que se constitui não por uma relação natural, mas por uma construção da própria ciência. O centro da estrutura, presente nas ideias do estruturalismo, além de buscar a restituição da origem ou do fim encontrados em modalidades da presença, consiste também numa verdade metafísica transcendental, já que a ele é atribuído um caráter de verdade estável e incondicional.

Como aponta, por exemplo, Dosse (1993), o estruturalismo foi ponto de ancoragem para a psicanálise se aportar num modelo científico, especificamente nos anos 50, com a influência de Lévi-Strauss e Saussure sobre o pensamento de Jacques Lacan, que para escapar das leituras biologizantes do texto freudiano em voga até então, propôs um retorno a Freud tendo como recurso a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss e a linguística estruturalista de Ferdinand de Saussure.

Tendo o texto lacaniano e as interpretações que atribui ao conto de Poe como referência, Derrida (2007) trata de diferentes problemas filosóficos e psicanalíticos em *O carteiro da verdade*. Rodrigues (2013) demarca esse texto de Derrida como pertencente a um momento de sua obra – os anos 70 – em que há um destaque a questionamentos do problema da verdade como desenvolvimento da questão do signo trabalhada nos anos 60, já que é ainda a crítica a metafísica da presença que anima essa discussão. O tema da verdade permeia tanto o texto de Lacan, quanto o de Derrida, que lê em *O seminário sobre “A Carta Roubada”*, a verdade como verdade extraída por Lacan da carta roubada, o que para o filósofo funciona

como um apagamento da abertura da carta e de sua possibilidade de não chegar a seu destino.

Na análise de Derrida (2007) alguns pontos são extraídos do texto de Lacan para uma crítica à teoria do significante e seus limites para a psicanálise, sendo eles: a lógica triangular imputada por Lacan ao texto de Poe; a busca pela verdade do texto; a fonetização da letra e do significante na escritura; a idealidade do falo como significante transcendental; a indivisibilidade da carta/letra⁶; a materialidade do significante. De maneira conjunta esses pontos levam Derrida a destacar a possibilidade da errância, da divisibilidade e da partição da carta em oposição à suposta conclusão de Lacan por um trajeto único e próprio⁷.

O destino da carta/letra

A partir dos argumentos de Derrida destacados sobre o texto de Lacan, ou seja, a exclusão do narrador e a prevalência de uma lógica triangular que se centra nos diálogos falados do texto de Poe, a busca por uma verdade autêntica do texto que se sustenta com autonomia, sem nenhuma necessidade de verificação, a fonetização da letra e do significante na escritura e por fim, a idealidade do falo como significante transcendental, Derrida (2007), contrariamente à ideia de Lacan apresentada em *O seminário sobre “A Carta Roubada”* de que a carta sempre chega a seu destino, sustenta a possibilidade da carta não chegar *sempre* ao seu destino. Para o autor, a suposta materialidade da carta comporta uma partição sempre possível, é ela mesma o resultado de sua divisibilidade, dado que:

⁶ No contexto de *O seminário sobre “A Carta Roubada”* e *O carteiro da verdade* nos valeremos da dupla possibilidade tradutiva do termo *lettre* em francês por carta e letra em português. Nesse âmbito as análises de Derrida e Lacan incidem na maioria dos casos tanto na noção de letra quanto à carta do conto de Poe. Quando se tratar dessa duplicidade, manteremos a notação carta/letra.

⁷ Para uma abordagem mais aprofundada desses pontos conferir o capítulo 1 de: FIDELIS, K. A carta/letra entre Derrida e Lacan. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Ela pode se despedaçar sem retorno e é disso que o sistema do simbólico, da castração, do significante, da verdade, do contrato etc. sempre tentam preservá-la: o ponto de vista do Rei ou da Rainha é, aqui, o mesmo, unido por contrato para re-apropriar o freio. **Não é que a carta nunca chegue a seu destino, mas pertence à estrutura ela poder, sempre, não chegar a ele.** E sem essa ameaça (ruptura de contrato, divisão ou multiplicação, partilhassem retorno do falo atingido num instante pela Rainha, isto é, por todo ‘sujeito’), o circuito da carta não teria sequer começado. Mas, com essa, ele sempre pode nunca terminar. Aqui, a disseminação ameaça a lei do significante e da castração como contrato de verdade. Ela *atinge* a unidade do significante, isto é, do falo (DERRIDA, 2007, p. 490-491, grifo em itálico do autor e em negrito nosso).

Desta maneira, sua posição final nesse texto é de que a carta pode se dividir, não se apresentando com uma estrutura atômica, nuclear, perdendo contingencialmente sua destinação garantida, o que permitiria sua destinerância, disseminação e abertura consequente de sua escrita. Para Derrida:

A divisibilidade da carta – é o que se arrisca e desvia sem retorno garantido, a restância do que quer que seja: uma carta *não chega sempre* a seu destino e, posto que isso pertence à sua estrutura, pode-se dizer que ela nunca chega lá verdadeiramente, que, quando chega, seu poder-não-chegar a atormenta com uma deriva interna (DERRIDA, 2007, p. 534-535).

No trabalho interpretativo de Johnson (1998) do texto de Derrida, o que parece ser destacado é a mesma separação marcada por Derrida em *Pour l’amour de Lacan*, destacada por nós no início desse texto, uma vez que para a autora, a abertura possível da atividade do pensamento e da crítica entre esses dois autores só é possível em seu desencontro, já que “não é como Lacan e Derrida se encontram, mas como se perdem que abre espaço para interpretação” (JOHNSON, 1988, p. 221).

A propósito da possibilidade de desvio, divisibilidade ou perda da destinação da carta/letra afirmada por Derrida, Johnson (1988) afirma que o filósofo lê destinação como instância preexistente ao movimento da carta/letra, ao passo que, em sua concepção, Lacan quer afirmar com destino não o endereçamento literal, nem quem possui a carta, mas quem é possuído por ela, destacando, portanto, o caráter não objetivo deste destino. Isto posto:

A sentença ‘uma carta/letra sempre chega a seu destino’ pode, portanto, ser simplesmente pleonástica ou diversamente paradoxal; pode significar ‘a única mensagem que posso ler é aquela que envio’, ‘onde quer que a carta/letra esteja, é esse seu destino’, ‘quando uma carta/letra é lida, ela lê o leitor’, ‘a carta/letra não tem destino’ e ‘todos nós morremos’. Não é nenhuma dessas leituras, mas todas e outras em sua incompatibilidade que repetem a carta/letra em sua forma de leitura do ato de leitura. Longe de nos dar a verdade final do *Seminário*, essas últimas palavras encerram a possibilidade de qualquer metalinguagem analítica definitiva (JOHNSON, 1988, p. 249).

A análise de Johnson (1988), portanto, salienta o destino da carta/letra no *O seminário sobre “A Carta Roupada”* não como uma substância, mas reconhecida apenas por seus efeitos, na série de destinos e possibilidades que caracterizam seu funcionamento, não sendo uma unidade identitária. Essa consideração a respeito do destino da carta coincide também com o lugar atribuído por Lacan ao significante, que só pode ter sua existência destacadas em sua diferença aos demais na articulação da cadeia.

Ainda que de acordo com Derrida no que diz respeito à exclusão da dimensão literária em *O seminário sobre “A Carta Roupada”* de Lacan, distinguida a partir da omissão dos outros dois contos de Poe que fazem série com *A carta roubada*, pela retirada de cena do narrador e pela investigação pautada apenas nos diálogos do texto, Johnson (1988) parece destacar a marca distintiva e o efeito inevitável de

indecidibilidade da carta/letra no exame de Lacan do conto de Poe.

De todo modo, não cremos que a posição de Johnson (1988) seja totalmente oposta à de Derrida quanto a destinação da carta/letra. A mesma indecidibilidade destacada pela autora na análise de Lacan parece estar presente na apreciação derridiana. Na afirmação “Não é que a carta nunca chegue a seu destino, mas pertence à estrutura ela poder, sempre, não chegar a ele” (DERRIDA, 2007, p. 491), Derrida sugere uma concepção próxima do que desenvolverá em *Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento*, onde na oposição entre o possível e o impossível do acontecimento, o autor inscreve uma aporia de indecidibilidade. Derrida (2012) defende um acontecimento “im-possível”, não somente impossível, mas condição para o possível, “um im-possível que é a própria experiência do possível. Para isso é preciso transformar o pensamento, ou a experiência, ou o dizer da experiência do possível ou do impossível” (p. 244).

O acontecimento pensado a partir dessa lógica, não responderia a questão da possibilidade ou da impossibilidade, mas questionaria essa questão, criticaria o dizer-o-acontecimento, se inscreveria no limiar entre o possível e o impossível, demarcando tanto certa possibilidade na experiência do impossível, como também impossibilidade naquilo que chega como possível.

O destino da carta/letra no qual Derrida (2007) insere a im-possível contingência do desvio é o destino nuclear, fixo, observado pelo filósofo no texto de Lacan, destino do qual a carta/letra como um texto poderia escapar. Na posição derridiana a carta/letra indecidivelmente pode se desviar dela mesma, endereçando-se a diferentes destinos, podendo nem sempre chegar aonde chegaria.

A destinação das cartas de amor *entre* Lacan e Derrida

Assim, anos depois em *Pour l'amour de Lacan*, Derrida (1996) afirma que sua intenção em *O carteiro da verdade* não era limitar ou esgotar Lacan, mas tratar de uma forte configuração lacaniana naquele momento, reconhecendo,

por exemplo, a ênfase na escrita dada por Lacan (2008b) anos mais tarde, em *O seminário, livro 20: mais, ainda*, ao afirmar que o significante não deve se limitar ao meio fonológico.

Essa afirmação que é apresentada em *O seminário, livro 20: mais ainda* por Lacan (2008b), já encontrava seus esboços apresentados na retomada de Lacan do conto *A carta roubada* de Poe em *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. No resgate do texto de Poe, Lacan (2009) já isolava o próprio da fala da especificidade do escrito. A noção de letra esboçada nesse seminário inclusive corresponde a uma das formas de abertura à escrita e à inscrição do irrepresentável, preservando o não-sentido constituinte da realidade inconsciente.

Tal movimento teórico no interior do ensino lacaniano pode ser lido como um deixar-se afetar pelas análises de Derrida. Esse rearranjo não se apresenta como um resultado da leitura de Derrida por parte de Lacan, mas pode ser entendido a partir do cruzamento entre o ensino desses dois autores.

Também de maneira contundente, em *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, a noção de letra deixa de remeter a literal materialidade significante, para então demarcar um litoral entre gozo e saber, instaurando “um domínio inteiro como formando uma outra fronteira, se vocês quiserem, mas justamente por eles não terem absolutamente nada em comum nem mesmo uma relação recíproca.” (LACAN, 2009, p. 109).

Além disso, gostaríamos de marcar uma observação de Lacan (2011), que ao marcar a impossibilidade de “*falar de amor*”, reitera “que não se possa falar de amor, portanto, mas que se possa escrever sobre ele” (p. 102). Disso afirmado, Lacan retoma a questão do destino da carta/letra sublinhando que “como expliquei algumas vezes, as cartas sempre chegam ao destino. Felizmente, chegam tarde demais, além de serem raras. Também lhes sucede chegarem a tempo: são os casos raros em que os encontros não são faltosos” (p. 102-103).

Desse fragmento extraímos tanto certa demora⁸ ou desvio no destino da carta para Lacan (2011), como também, o

⁸ Para uma desconstrução do atraso a partir da tradução de *demeure* por demorar, feita por Trocoli & Rodrigues (2015), conferir *Demorar: Maurice Blanchot de Derrida* (2015).

acréscimo do predicado *de amor* às cartas. É ao amor que retornamos para demarcar mais uma vez, o desencontro, ou o encontro faltoso, a separação e a solidão desses dois autores que se destinaram *cartas de amor*.

Assim, o trabalho e a homenagem derridiana faz do desvio inicial de nosso texto, seu próprio destino. Ao afirmar que não há porque o espanto frente a *um dizer nós, nós nos amamos*, Derrida (1996) pontua que “isso é também um dos fenômenos mais comuns da destinerrância. Ele infringe a destinação da carta/letra uma deriva interna na qual ela pode sempre nunca retornar, mas sobre a qual nós deveremos retornar” (p. 61).

Esperamos ter feito parte desse retorno à deriva do *entre* Lacan e Derrida inscrito no título desse trabalho, marcando o campo litoral e indecível entre esses dois autores. Acreditamos que a leitura de Derrida (1996) do texto lacaniano e de sua relação – sempre marcada pela impossibilidade e inexistência – com Lacan ocorre no âmbito do que nomeia Castello Branco (2014) como leitura do amor em fracasso, “uma *mise-em-abyeme* que descortina, por sucessivas repetições” (p. 138), isso que se dá a ler por uma letra/carta de amor que se repete incompleta, de modo que “*não para de se escrever, não para, não parará*” (LACAN, 2008b, p. 156).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Fernanda. Contratempos – do amor: filosofia, amor e melancolia. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 23, n. 46, p. 223-262, out. 2014. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/35579/1/RFC46_artigo2.pdf>. Acesso em: 6 set. de 2017.

CASTELLO BRANCO, Lucia. A paixão do ler: a leitura no ‘amor em fracasso’. In: HOLCK, ANA; GROVA, Tatiana (Org.). **Ao pé da letra: leituras e escrituras na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Subversos e ICP-RJ, 2014, p. 123-139.

DERRIDA, Jacques. Pour l’amour de Lacan. In : DERRIDA, Jacques. **Résistances de la psychanalyse**. Paris: Galilée, 1996, p. 55-88.

_____. O carteiro da verdade. In: DERRIDA, Jacques. **O cartão postal: de Sócrates a Freud e além**. Tradução de Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 457-542.

_____. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. Tradução de Piero Eyben. **Revista Cerrados**, v. 21, n. 33, p. 229-251, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8242/6240>>. Acesso em: 12 maio de 2017.

_____. **Gramatologia**. (2ª ed.). Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. (4ª ed.). Tradução de Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2014a, p. 407-426.

_____. Freud e a cena da escritura. In: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. (4ª ed.). Tradução de Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 289-338.

_____. **Demorar**: Maurice Blanchot. Tradução de Flávia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.

DOSSE, François. **História do estruturalismo, v. 1: o campo do signo, 1945-1966**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FIDELIS, K. **A carta/letra entre Derrida e Lacan**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

JOHNSON, Barbara. The Frame of Reference: Poe, Lacan, Derrida. In: MULLER, John; RICHARDSON, William (Org.). **The Purloined Poe: Lacan, Derrida, and Psychoanalytic Reading**. Baltimore, EUA: Johns Hopkins University Press, 1988, p. 213-251.

LACAN, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada”. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 12-66.

_____. O engano do sujeito suposto saber. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a, p. 323-340.

_____. Prefácio à edição dos Escritos em livro de bolso. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003b, p. 383-388.

_____. A psicanálise. Razão de um fracasso. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003c, p. 341-349.

_____. Lituraterra. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003d, p. 15-25.

_____. **O seminário, livro 23**: o sinthoma. Tradução de Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **O seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

_____. **O seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Estou falando com as paredes**: conversas na Capela de Sainte-Anne. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MAJOR, René. **Lacan com Derrida**. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MILLER, Jacques-Allain. Nota passo a passo. In: LACAN, Jacques. **O seminário: livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 199-246.

PEETERS, Benoît. **Derrida**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Escrita ou escritura? In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Com Roland Barthes**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. 69-74.

RODRIGUES, Carla. A literatura entre Derrida e Lacan - dentro/fora das relações de poder. **Viso – Cadernos de estética aplicada**, n. 13, p. 25-38, jan.-jun. 2013. Disponível em: <http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_13_CarlaRodrigues.pdf>. Acesso em: 7 maio de 2017.

_____. As palavras e as tarefas do filósofo. **Ao largo**, v. 3, p. 1-16, 2016. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26029/26029.PDF>> 2016. Acesso em: 22 fev. de 2018.

ROUDINESCO, Elizabeth. (1988). **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos: 1925-1985** (vol. 2). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

TROCOLI, Flávia; RODRIGUES, Carla. Traduzir Demeure. In: DERRIDA, Jacques. **Demorar**: Maurice Blanchot. Florianópolis: Editora UFSC, 2015, p. 9-15.

Recebido em: 24/05/2018

Aprovado em: 12/04/2019